

Maternidade em tempo de guerra

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Se, como dizia o poeta, “ser mãe é padecer no paraíso”, certamente hoje a poesia se obrigaria a novo verso para cantar a maternidade. E infelizmente, seria um verso de lamento e dor. No Rio de Janeiro, no Brasil, no mundo em geral, especialmente no Oriente Médio, ser mãe é padecer no inferno da guerra, das bombas, do sangue que a tudo banha, das balas perdidas. Ser mãe é não ter um só momento de sossego, sentindo nas entranhas que um dia trouxeram filhos ao mundo o constante sobressalto do pânico e do terror de não saber se ainda estarão vivos na semana seguinte, no dia seguinte, no minuto seguinte. Ser mãe é sentir sua maternidade constantemente ameaçada pela morte que a nada poupa, nem mesmo as crianças, os jovens, os indefesos, os pacíficos.

O Dia das mães é comemorado com almoços festivos e presentes. Os rostos ficam quentes dos beijos e os corpos guardam o calor amoroso dos abraços dos filhos que, de diversas maneiras, anseiam homenagear suas mães e também - e não menos - sentir-lhes a presença, o carinho, a proteção desejada e buscada, mesmo quando adultos e criados.

Há, porém, no ar uma pergunta irrespondida. Como o estará vivendo a mãe de Luciana, atingida nesta semana por uma bala perdida enquanto estudava na Faculdade e que acaba de sofrer delicada cirurgia com risco de ficar tetraplégica? Como o estará vivendo a mãe de Gabriela, que pela primeira vez em 14 anos não foi acordada pela alegria quente e barulhenta da filha adolescente, morta há um mês no metrô do Rio de Janeiro? Como o estará vivendo a mãe de Márcia, brutalmente assassinada em Santa Teresa há dois anos por operários que faziam obras em sua casa?

E se a comemoração do Dia das Mães não se realiza no Iraque, como estará sendo o cotidiano de tantas mães que há meses não fazem outra coisa senão recolher os corpos dos filhos, mutilados, amputados, feridos e mortos? Como estará o coração destas mães, obrigadas pelos delírios da violência e da ambição dos poderosos deste mundo, a viver a maternidade em tempo de guerra e a recolher em seus braços os destroços da vida que um dia brotou, alegre e pujante, de seus ventres grávidos?

As instâncias humanas não lhes são de nenhum consolo. Aliás, elas já não esperam mais nada dos responsáveis pela ordem que têm falhado tristemente em equivocadas tentativas de combater o crime organizado, de impedir a guerra, de restabelecer a paz.

Talvez o único presente que se lhes possa oferecer pelo Dia das Mães que passaram carregado de dolorosa ausência seja a Palavra de Deus, que se identifica com sua maternidade e sua dor. Os profetas do Primeiro Testamento muitas vezes descrevem Deus como uma mãe cujas entranhas não cessam de estremecer de amor pelo filho de suas entranhas que é o próprio povo de Israel. Em Is 49, 15 Deus é comparado a uma mãe amorosa: *Porventura a mulher esquece a sua criança de peito, esquece de mostrar sua ternura ao filho da sua carne? Ainda que elas os esquecessem, eu, eu não te esquecerei!*. Em Jer 31,20 o profeta evoca outra vez as entranhas maternas do Senhor que vibram de

amor pelo filho: *Efraim será para mim um filho querido, uma criança que me delicia? Toda vez que falo dele, sempre e sempre tenho de repetir seu nome ; e em meu coração, que emoção por ele! Eu o amo, sim eu o amo.*

Porém as divinas entranhas maternas também sofrem ao verem o filho em perigo, ameaçado e em sofrimento. É assim que Is42,14 sugere que os sofrimentos de Deus por seus filhos são como as dores de parto: *Desde muito eu permaneci inativo ,eu não dizia nada, me continha, como mulher em dores de parto, eu gemo, eu sufoco e sou oprimido ao mesmo tempo.*

Este amor invencível é expresso , graças à intimidade misteriosa de maternidade, de muitos modos diferentes na Bíblia hebraica. É expressado como proteção e salvação de perigos e inimigos diferentes, como perdão para os pecados das pessoas, e também como fidelidade mantendo promessas e impulsionando esperança, apesar da infidelidade de outros (Os. 14,5; Is. 45,8-10; 55,7; Miq. 7,19; Dan. 9,9). O *chesed* (*misericórdia*) de Deus, a clemência profunda de Deus, a fidelidade de Deus para as pessoas apesar das suas infidelidades e pecados, vem do coração maternal de Deus, de suas *rachamim* (*entranhas maternas*).

Deus sempre será compassivo e infinitamente terno (Isa 14,1). A fé de Israel é dirigida a este Deus como ao útero de sua mãe. Chama e pede proteção amorosa: *Olha e vê, lá do céu, lá do teu palácio santo e esplêndido: Onde estão, pois, o teu ciúme e a tua coragem , a emoção das tuas entranhas? Tuas ternuras por mim foram contidas? (Is 63:15); Sua fidelidade desapareceu totalmente? A palavra se calou para os séculos? Porventura Deus se esqueceu de dispensar graça? Encolerizado, fechou seu coração?(Salmo 77,9) ; o Salmo 79,8 dirige-se às rachamim divinas como ao próprio Deus: Não invoques contra nós as faltas antigas. Depressa! que a tua piedade nos preceda, estamos de todo desvalidos; ajuda-nos, ó Deus salvador pela glória do teu nome.*

A todas as mães que vivem a monstruosa e invertida orfandade dos filhos perdidos, a fé garante que o próprio Deus sofre com elas no mais profundo de seu infinito amor e as acompanha na saudade e na dor.